

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 2

Título: "O DOÍDO E A MORTE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BRANDÃO, RAUL

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 7/5/1975

Data de Emissão: 12/5/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
RUI DE CARVALHO	SA MILHÕES
IGOR SAMPAIO	GOVERNADOR CIVIL
MARIA ALBERGARIA	ANA BALTAZAR MOSCOSO
MÁRIO SARGEDAS	NUVES - POLÍCIA
	ENFERMEIRO

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Klein

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREC. ARTÍSTICA - FERNANDA ALVES

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º 336	PROGRAMA 1.º
DATA DE EMISSÃO 1.º ABR. 1975	EMISSÃO DE 12/5/75
PEDIDO DE GRAVAÇÃO A GRAVAR EM 7/5/75	15-15 HORAS
HORA 10.00	VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

O DOIDO E A MORTE por RAUL BRANDÃO

FARSA EM UM ACTO

PERSONAGENS:

O Sr. MILHÕES

O GOVERNADOR CIVIL

D. ANA BALTAZAR MASCOSO

NUNES, polícia

Polícias, enfermeiros, etc.

No gabinete do governador civil.- Ampla secretária e em frente uma mesa mais pequena.

GOVERNADOR CIVIL e NUNES

GOVERNADOR CIVIL, escreve sentado à secretária.

"Acto III, cena quinta - Chegou o momento cheio de horror em que sinto o solo fugir-me debaixo dos pés", (Pausando a pena.) Estou hoje inspirado. Tudo me sorri, a manhã, o céu, a musa. (Toca a campainha.) O Nunes.

Entra o Nunes e quando o Nunes abre a porta vêem-se alguns polícias sentados num banco de pinho, lendo jornais.

NUNES - Senhor governador civil.

GOVERNADOR CIVIL - Se vier por aí alguém, não estou para ninguém.

NUNES - Sim senhor.

GOVERNADOR CIVIL - Seja quem for.

NUNES - Sim, senhor.

GOVERNADOR CIVIL - Para ninguém. (Nunes sai.) Aproveitemos estas felizes disposições. (Escreve.) "Ela: - Sabes? sabes enfim o que te não ousa confessar?..." Agora precisava aqui duma frase de efeito. (Procura nos livros que tem em cima da mesa.) Aqui há-de haver porque aqui há de tudo... (Escreve. "Ele: - É o momento... e o momento mais trágico da minha vida." (Passando a mão pela cabeça.) Estou a camover-me muito. Isto até me pode fazer mal.

NUNES, abrindo a porta. - Está aqui...

GOVERNADOR CIVIL - Caramba! Não estou para ninguém. Isto é demais Nunes! Castigo-o com três dias de vencimento.

NUNES - É o sr. Milhões com uma carta do presidente do ministério.

GOVERNADOR CIVIL - O sr. Milhões? que entre... que vida esta! que país este! Exactamente no momento psicológico, no momento em que remontava. Nunes

Ai do Lusíada citado...

Isto não é um país, é uma selva onde os homens de génio têm de ser ao mesmo tempo governadores civis. (Lendo o bilhete.) O sr. Milhões. Dize-lhe que entre, dize-lhe depressa que entre. (Abre a carta.) É o próprio ministro que recomenda o homem mais rico de Portugal.

Nunes introduz o sr. Milhões e uma caixa que é colocada no chão entre as duas mesas com muitas precauções. - Aqui. Cuidado... Está bem... Pode retirar-se. - O sr. Milhões é um homem importante e severo, de grandes suíças cuidadas e lunetas de arão de ouro. Sobrecasaca.

GOVERNADOR CIVIL e o SR. MILHÕES

GOVERNADOR CIVIL - V. Ex.^a. tenha a bondade de se sentar. Há que tempos que tenho a honra de o conhecer de vista e de nome. Então?...

Mas o senhor Milhões embezerrado não diz palavra. Com a maior indiferença dispõe a caixa e faz a ligação dum fio eléctrico para a campainha da mesa que está em frente da secretária do governador civil. O outro segure-lhe os movimentos com uma curiosidade crescente.

SR. MILHÕES, aproximando-se dele, confidencialmente.
O senhor sabe o que está aqui dentro?

GOVERNADOR CIVIL - O que é?

SR. MILHÕES - A morte!

GOVERNADOR CIVIL - Pelo que vejo o negócio é grave?

ML/

SR. MILHÕES - Muito grave. Vim de propósito de automóvel para não dar nas vistas. V. Ex.^a. já leu a carta do presidente do ministério? Há muito tempo que o admiro.

GOVERNADOR CIVIL, lisongeado.

E eu! e eu! Tenho por V. Ex.^a. a maior consideração. (Levanta-se e ao passar entre as mesas dá um pontapé na caixa).

SR. MILHÕES - Cuidado que podemos ir todos pelos ares.

GOVERNADOR CIVIL, dando um salto.

Anh!?

SR. MILHÕES - Repito, o negócio que me traz aqui é muito grave. (Levanta-se cerimoniosamente e o governador civil vai postar-se na sua secretária).

GOVERNADOR CIVIL - Estou no exercício das minhas funções.

SR. MILHÕES - O maior crime de todas as épocas, a suprema tragédia de todos os tempos! Vamos estoirar dentro de vinte minutos. (O governador civil muda de expressão à medida que o outro fala.) O que o senhor vê aqui nesta caixa, é o mais formidável de todos os explosivos SO₃ - HO₄, com vezes mais poderoso que o dinamite, o algodão pólvora, e o fulminato de mercúrio. Basta carregar nesta campainha, para irmos todos pelos ares, eu, o senhor, o prédio, o bairro, a capital SO₃ - HO₄. O peróxido...

GOVERNADOR CIVIL - Quê? quê? que peróxido!?

SR. MILHÕES - O peróxido de azoto.

GOVERNADOR CIVIL, mastigando.

Isto é sério?

SR. MILHÕES - Muito sério.

GOVERNADOR CIVIL - Ó Nunes!

SR. MILHÕES - Pode vir o Nunes e todos os regimentos da capital... Quando eu tocar nesta campainha arraso tudo. O peróxido de azoto é a maior invenção deste século. Basta carregar aqui com o dedo... (Ele, de lá, faz-lhe um gesto de suplica, sem poder falar, para o outro retirar o dedo.) Mas nós ainda não nos explicámos. (Tirando o relógio.) Tems tempo.

GOVERNADOR CIVIL - Tems muito tempo. Ó Nunes!

SR. MILHÕES - Chame quem o senhor quiser. Chame lá o Nunes por uma vez. É-me indiferente. (O governador civil levanta-se e vai a sair precipitadamente.) O que me não é indiferente é que o senhor saia daqui. Ah, isso não! Ao senhor escolhi-o para morrer comigo.

GOVERNADOR CIVIL - Muito obrigado!

SR. MILHÕES - E se dá um passo para fora daquela porta, faço saltar tudo.

GOVERNADOR CIVIL - Mau! O senhor não se ponha com brincadeiras. Eu sou um governador civil, uma autoridade constituída, e o senhor lembre-se que tem mulher e filhos. É um homem de ordem, é um homem rico... O senhor... Então eu estou aqui sossegado, no cumprimento do meu dever, a escrever uma peça, nunca lhe fiz mal nenhum, tenho por V. Ex^a. a maior consideração... V. Ex^a. está incomodado? quer tomar alguma coisa? (e sempre mais alto.) Ó Nunes!

SR. MILHÕES, com desdém.

Acabe lá com isso!

GOVERNADOR CIVIL - Então se V. Ex^a. me dá licença, é para lhe pedir um copo de água.

SR. MILHÕES - Chame quem quiser. A questão é entre mim, V. Ex^a. e o

peróxido de azoto. Trr... trr... Se V. Ex^a. sair de aqui... trr.

GOVERNADOR CIVIL - Ó Nunes! (O Nunes entra.) Ó Nunes, ele está doído e a caixa é de dinamite - uma caixa daquele tamanho! (O Nunes arregala os olhos.) Quando eu disser disfarçadamente: - "Não teve tocar lá em cima?" - vocês todos caem à uma sobre ele e seguram-no bem seguro. Ouviste? (O Nunes diz que sim com a cabeça sem poder falar. O senhor Milhões tem seguido atentamente a cena, de ouvido à escuta e barbas respeitáveis).

SR. MILHÕES - Sente-se senhor, não faça figuras tristes. O senhor está a tratar-me com menos consideração e a desconhecer a importância do meu papel no universo. (Exaltando-se cada vez mais.) Tudo depende de mim. Eu! eu! eu! (Bate punhadas na mesa). Em que se distinguem os heróis e os imperadores da canalha sem nome? Pelo número de homens que podem aniquilar sem responsabilidade nenhuma. Trr!... trr!... E matar-me e matar-o!

GOVERNADOR CIVIL - Ai Jesus! ai Jesus! ai Jesus!

SR. MILHÕES, de pé.

Destruo uma cidade! SO 3 - H04 - fórmula única. Destruo talvez um povo.

GOVERNADOR CIVIL, mais baixo.

Mas o senhor Milhões ainda não se explicou.

SR. MILHÕES, serenando imediatamente.

É verdade, ainda não me expliquei. Peço desculpa. (É sempre respeitável, sempre com imponência.) Aqui há tempos, faz exactamente um mês, quando passeava à tarde sob as árvores do meu quintal, senti de repente que se me abriam os segundos olhos.

GOVERNADOR CIVIL - Os?!!

SR. MILHÕES - Os da alma.

GOVERNADOR CIVIL, sucumbido.

Ai meu Deus que estou perdido!

SR. MILHÕES - E vi de repente o mundo não como todos o vêem, mas como ele é na realidade.

GOVERNADOR CIVIL - A cabeça estoura-me!

SR. MILHÕES - E à medida que os segundos olhos se me foram abrindo, mais funda se me radicou a vontade de destruir tudo isto. O peróxido de azoto... E03 - H04. O senhor é tolo! O senhor pode ainda ser muito feliz! O senhor pode recuperar o uso das suas faculdades. Olhe que o senhor arrepende-se Pelo amor de Deus deixemo-nos de tolices! Ouça, ouça... O senhor não ouve tocar lá em cima? (Mais alto). O senhor não ouve tocar lá em cima? (Berrando) O senhor não ouve tocar lá em cima?.

SR. MILHÕES - com fleuma

Grite mais alto se lhe parece! O senhor está a dar um espectáculo abjecto. Escusava de fazer essa triste figura... Saíram-se. Eu percebi tudo. Puseram-se logo ao fresco. Pode ver. (O governador civil abre a porta. Os polícias fugiram, o banco está deserto). Sente-se não podemos perder tempo. Sente-se e ouça. Ninguém o arranca das minhas mãos. Há quem diga que estou doido. Diga-me com franqueza, conhece-se que eu esteja doido?

GOVERNADOR CIVIL - Ora essa, V.Ex.^a. está no uso completo da razão, eu é que me sinto endoidar.

SR. MILHÕES - Antes de mais nada é preciso que me compreenda bem. Eu sou eu, sou um amigo da humanidade. A um gesto meu desaparece a desgraça da face da terra, acabam os crimes, as misérias e as paixões. Fazendo saltar o globo. suprimo para sempre os gritos e todas as injustiças. Suprimo a morte.

Mn/

GOVERNADOR CIVIL - Perdão, sr. Milhões. É preciso que atenda a várias circunstâncias pessoais. Eu não estou preparado para morrer. Não se morre assim sem mais nem menos. Morrer! morrer!... Então o senhor pensa que isto de morrer é uma coisa sem importância nenhuma? Morrer é uma coisa muito séria, é um acto que importa certa preparação, testamento, cólicas, etc. É só chegar aqui, morrer e mais nada! Que tal está o di rabeca! Morrer! Eu não quero morrer nem pensei nunca a sério que tivesse de morrer. Tenho ido a enterros, mas é aos dos outros... Então o senhor entra-me pela porta dentro, e sem mais nem antes, de repente, fala-me assim de morrer como se eu fosse um condenado à morte, nas escadas da força? Adeus meu Amigo! Além disso é um crime. Previno-o de que é um crime, punido por todos os códigos, atentar contra a vida duma autoridade constituída, demais a mais no exercício das suas funções. Artigo 343º do Código Penal. Vamos, vamos... Isso é um momento de desvario e mais nada. Espero que as minhas palavras o façam reconsiderar. (O outro ergue-se implacável e aproxima a mão da campainha.) Ai que ele está doido varrido! (Exaltando-se.) Senhor! Senhor! (Avança para o agarrar, mas o outro põe o dedo em cima do botão e ele afasta-se.)

SR. MILHÕES - Faça favor de estar quieto. Eu admiro-o. Quando se representou aquela sua peça - O DESTINO - disse logo comigo: _ que talento!

GOVERNADOR CIVIL, desvanecido.

Muito obrigado. O que vale neste mundo são as almas irmãs.

SR. MILHÕES - Só ele é capaz de me compreender, só ele é digno de morrer comigo.

GOVERNADOR CIVIL - Mau! Mau! Mau!

SR. MILHÕES - Na sua peça há cenas verdadeiramente shakespearianas - são as que não estão lá. Porque é necessário que o senhor saiba: os livros, as peças, a arte enfim só vale pelo que nos sugere. O que lá está em regra não presta para nada; o que cada um de nós constrói sobre a linha, a cor, e o som, é que é verdadeiramente superior. Por isso lhe perdooi todas as ba-

nalidades que tem escrito, e passei a admirá-lo. Pulverizando-o comigo e com o globo, realizei o pensamento dos mais altos filósofos. (O outro julgando-o entretido vai para fugir.) Fugir para onde ? Não seja estúpido. Melhor é entrar comigo sem desvarios na categoria dos deuses. Elevo-o à categoria dos Deuses.

GOVERNADOR CIVIL - Ó meu Deus! Ó senhor!...

SR.MILHÕES- Trr, trr, e sou adorado, sou magnífico, sou único. (Faz menção de tocar).

GOVERNADOR CIVIL - Perdão! perdão! perdão! Ao menos outra morte! estirado não! Dê-me outra morte, uma morte onde o meu cadáver se possa sepultar com decência e em que haja possibilidade de me fazerem um enterro digno dum governador civil.

SR.MILHÕES- Ser pulverizado, pertencer ao cosmos, viajar nas nuvens, que melhor quer o senhor ? que mais quer o senhor ?

GOVERNADOR CIVIL- Fugir.

SR.MILHÕES- Não há nada que o salve.

GOVERNADOR CIVIL- Por cima moram minha mulher e meus filhos. Creio que não quer também assassiná-los. Julgo que a sua loucura não exigirá o sacrifício dessas inocentes vítimas. Posso chamar a minha mulher para fazer as últimas disposições ?

SR.MILHÕES- Pode, com tanto que não saia daqui e que se não demore muito. (Vê a hora no relógio).

GOVERNADOR CIVIL- E eu que estive esta manhã para meter o revólver no bolso! E não acreditei em pressentimentos! Nunca mais saio de casa sem trazer o revólver. (Pelo telefone.) Aninhas... Ah, estás lá ? estou aqui com um doi... Não, com o sr. Milhões... Es-se, sim... Peço-te o favor de desceres... Não posso... Não me deixa sair daqui.

SR.MILHÕES- Diga-lhe que venha depressa.

GOVERNADOR CIVIL- Não te demores, Aninhas...Sim, sim.

SR.MILHÕES - Vem ?

GOVERNADOR CIVIL - Vem já . (Ela entra)

Os mesmos e D. ANA BALTAZAR MOSCOSO

GOVERNADOR CIVIL , fala-lhe apressadamente ao ouvido com exclamações.
Ele! ele!....

ANINHAS - Anh ?!

GOVERNADOR CIVIL- Sim, Aninhas, eu Baltazar Moscoso estou nas mãos deste infame. Se dás um passo daqui para fora, trr! pulveriza-me! É dinamite! É dinamite, é peróxido, aquela grande caixa... O que há de pior, arrasa prédios e bairros.

ANINHAS - Espera aí que eu já te venho! (Faz menção de sair)

GOVERNADOR CIVIL- Salva-me ou morre comigo.

ANINHAS - E os nossos filhos ? Não sejas egoísta, nunca passaste dum reles egoísta. Eu disse-o sempre.

GOVERNADOR CIVIL- Ó Aninhas, mas tu disseste que quando eu morresse, morrias logo também.

ANINHAS- Disse e digo. Estou pronta a cumprir o meu dever. Sou duma família que se pressa de cumprir os seus deveres. Mas nunca te disse, que morria, como as mulheres da Índia, numa pira. Queimada não ! A minha religião é católica, apostólica, romana! Saiba morrer quem viver não soube. (Para o sr. Milhões). Quanto falta ?

SR.MILHÕES, com uma grande dignidade.

O senhor é inconsciente, faça favor de me apresentar a sua esposa.

Mo/

GOVERNADOR CIVIL- Minha mulher, a sr^a.D. Ana de Baltazar MoscOSO - o sr. Milhões.

ANINHAS-Muito gosto em o conhecer. (anda de roda da caixa com precauções para lhe apertar a mão.) Quanto falta ?

SR.MILHÕES- Quinze minutos e quatro segundos exactos, minha senhora.

ANINHAS- Então retiro-me porque não há tempo a perder. Um automóvel e pronto! (Vai a sair)

GOVERNADOR CIVIL- Ó Aninhas, despede-te ao menos de mim. Ó Aninhas, olha que eu quero uma lápide monumental. Dize aos meus amigos... (Baixo) Não tens aí o revolver ?... Dize-lhes que quero o meu nome em letras douradas e esta frase gravada na minha sepultura: "Aqui jaz um homem de génio que não teve tempo de se revelar".

SR.MILHÕES- Tantas pieguices !

GOVERNADOR CIVIL- Homem, o senhor nem ao menos me deixa fazer as minhas disposições testamentárias. O senhor abusa! Aninhas, fa-ze-me ao menos um enterro muito bonito.

ANINHAS, para Milhões.
Quanto falta ?

SR:MILHÕES- Um quarto de hora.

ANINHAS - É o tempo absolutamente indispensável. (Vai a sair apressadamente).

GOVERNADOR CIVIL- Dize-me ao menos adeus!

ANINHAS - Adeus! Morrer queimada não! (À porta como quem lhe atira pedradas de terra.) Morre em paz! Descansa em Paz! Jaz em paz!

MILHÕES E GOVERNADOR CIVIL

SR.MILHÕES- Aí tem o senhor o que são as mulheres, a sua e as das outras.

GOVERNADOR CIVIL- Não me tire as últimas ilusões. (Puxa dum lenço para chorar) Se ao menos lhe pudesse acertar com um banco pela cabeça. (Algumas lágrimas)

SR.MILHÕES-Vamos! Vamos! Isto a bem dizer não é a morte, é a pulverização. Não sente nada, verá.

GOVERNADOR CIVIL, dirigindo-se à janela.

Toda a cidade deserta...Um silêncio de túmulo.Fugiu tudo ao peróxido de azoto...Que morte a minha,e ninguém senão eu para poder contar! Posso dizer bem alto que não há drama no mundo que se compare com este. (Seguindo outra ideia.) E veja o senhor essa mulher que me disse sempre, que quando morresse morria comigo!...

SR.MILHÕES-Essas coisas dizem-se mas nunca se fazem.Se o senhor fosse um homem inteligente compreendia-o logo. Mas não é.(Geste do outro). Não é. Demais a mais essa mulher que o senhor lamenta não é a mulher ideal que lhe convém.É uma felicidade para o senhor ver-se livre dela.

GOVERNADOR CIVIL- Ela é que se vê livre de mim.

SR.MILHÕES- É uma mulher que o engana.

GOVERNADOR CIVIL- Oh!...

SR:MILHÕES- Enganou-o sempre.

GOVERNADOR CIVIL- Senhor!

SR.MILHÕES- É o que lhe digo. O senhor tem cara de ser enganado por todas as mulheres.É uma coisa que se vê.

GOVERNADOR CIVIL- Basta!

SR.MILHÕES- Livra-o dela, livra-o de complicações, livra-o do dever que é tudo o que há de mais estúpido no mundo e o senhor ainda se queixa.

GOVERNADOR CIVIL- O senhor é doido.

SR.MILHÕES- Doido!...Doido!.. Já é com esta a terceira vez que me chama. Saiba então que um homem que não tem ao menos uma parcela de loucura não presta para nada . Aqui estou eu, que, enquanto tive o meu juízo todo, nunca fui feliz.(O Governador Civil julgando-o descuidado vai-se aproximando da porta) Passar por doido tem muitas vantagens.Direi mesmo que é a única situação vantajosa que há neste país. O doido diz tudo quanto lhe passa pela cabeça. (E continuando a falar imperturbável faz-lhe sinal que volte para trás e aproxima o dedo da campainha.) Ninguém estranha. O doido pode andar de chinelos de ouro pelo Chiado. Ninguém repara. Quem tem juízo vive constrangido e está sujeito a mil complicações. Vá, sente-se.

GOVERNADOR CIVIL- Obedeço, obedeço.

SR.MILHÕES- Há efectivamente quem diga que estou doido, mas nunca a minha lucidez foi maior. O senhor acredita que eu esteja doido ? (O outro de lá acena à pressa que não). De resto o que é loucura e o que é juízo ? Simples pontos de vista e mais nada. O doido pode seguir à vontade o seu sonho, sem que ninguém se meta com ele. Tem quem lhe dê de comer, de vestir e calçar nos manicórnios.

GOVERNADOR CIVIL- Muito filosófico.

SR.MILHÕES- Não diga mal dos doidos. Todos os homens que fizeram alguma coisa no mundo eram doidos. Devemos-lhes a vida artificial. Na realidade devemos-lhes tudo. Se não fossem eles ainda hoje seríamos bichos. De antes eu próprio que era? Um mazorrão. Agora o meu espírito leve como uma pluma, paira acima da estupidez humana. (O sr.Milhães distraído vai tocar no botão da campainha. O outro faz-lhe de lá apressadamente pst! pst! para retirar o dedo.) Ah, é verdade, ainda faltam alguns minutos. (E segue com o discurso.) De antes ocupava os meus nobres ócios a ler os clássicos. que fastidiosa tarefa! Queimei-os todos no pátio. Detesto os clássicos. E o senhor ?

GOVERNADOR CIVIL- Também eu, também eu,!

SR. MILHÕES- De antes tinha horror aos palavrões, agora até me sabe, de quando, em quando uma obscenidade: (E aproximando o dedo da campainha:) Vai agora?

GOVERNADOR CIVIL- Espere, senhor! Por mais que queira não me posso resignar.

SR. MILHÕES - É falta de hábito, é como quem arranca um dente sem dor. Depois que alivia, verá.

GOVERNADOR CIVIL- Espere com os diabos! Morrer agora, meu Deus! Morrer na flor da idade! Morrer quando a pátria esperava de mim as minhas melhores obras! Espere, morrer não é brincadeira nenhuma, não é uma coisa que se faça assim de pé p'ra não.

SR. MILHÕES- Não posso esperar mais tempo. Temos de morrer.

GOVERNADOR CIVIL- Não quero! não quero!

SR. MILHÕES- A vida é estúpida,

GOVERNADOR CIVIL- Não me importo! Quero viver!

SR. MILHÕES- Sou a hora. Uns minutos e...

GOVERNADOR CIVIL, furioso:

Mas tu, quem és afinal, ó supremo canalha, que assim decides eliminar-me, quando eu me agarro com desespero à vida?

SR. MILHÕES, de pé, ativo e transfigurado:

Eu sou o deido! Eu sou a morte!

GOVERNADOR CIVIL- Anh!?

SR. MILHÕES - Estou farto! Estou farto de me vestir todos os dias, de cumprimentar todos os dias, de dizer todos os dias que sim. Estou farto de sorrir e de fazer as mesmas coisas inúteis.

Mn/

que não condizem com a minha situação respeitável no universo. Eu não quero ser bicho; com a fortuna de que disponho a este talento que Deus me deu, não posso ser bicho - e tenho que confessar a mim mesmo que sou bicho. Eu e o macaco do Jardim Botânico! Oh não ! oh não!

GOVERNADOR CIVIL- Eu endoideço; eu endoideço!

SR. MILHÕES- Vou suprimir a vida, porque a vida mete-me medo, ouviste? Porque me mete medo. Fui sempre ridículo, mas nem sempre me senti ridículo. A vida foi sempre atroz, mas nem sempre a senti atroz. Quando dei pelo que ela tem de reles e de grotesco, de trágico e de grotesco, veio-me um vômito de tristeza. Vi-te e vi-me. Vi que a minha caridade era grotesca, que os meus deveres eram grotescos, com os dividendos a receber, os cupons a cortar, um cofre do tamanho desta sala e um guarda-portão eminente a distribuir seis vinténs à pobreza. Considerei-me abjecto. Abjectos e grotescos os laços de família, à espera do testamento e da cólica, e os mil e quinhentos que eu dava por mês à obra dos órfãos mutilados. Pior, pior... Olhei para mim, olhei para dentro de mim mesmo e ao mesmo tempo encarei com a vida, feita para a desgraça, para a dor, para o sonho - e que dura um minuto, um só minuto - e encontrei-me sórdido com as minhas inscrições a receber e as minhas décimas a pagar. Oh, um instante para deter isto, caótico e doirado, sôfrego e doirado! Um instante para sofrer, para lavrar a terra, para ser enfim o homem! E eu já não podia arrancar-me ao meu palácio com um guarda-portão fardado de ministro, nem fazer outra coisa senão abrir a boca com sono diante do cofre das inscrições de assentamento. De assentamento, repara bem. No mundo caótico onde se grita e se sonha, há inscrições de assentamento! Tu compreendes isto? tu explicas isto?... Vi então o infinito lá em cima e vi-me a mim cá em baixo. Mais um passo e senti que acabava a vida a fazer paciências.

GOVERNADOR CIVIL- Mas que tenho eu com isso ?

M)

SR. MILHÕES - Vais morrer, e vais morrer porque com as tuas fórmulas, a tua papelada e o teu burlesco, és também abjecto e inútil. O cavador existe! O soldado existe! O herói existe! Tu não existes!

GOVERNADOR CIVIL - Eu não existo?!

SR. MILHÕES - És uma sombra e bff... (sopra-lhe e o outro estremece) faça-te desaparecer como uma sombra. Tenho de suprimir a ninharia da vida. Estas duas coisas não podem mais coabitar - esta estupidez e este sonho dourado e imenso, o grotesco de todos os dias, quando do outro lado galopa e passa uma coisa sôfrega e imensa. Tu não te podes chamar Baltazar Moscoso, e ao mesmo tempo existir o céu estrelado. Venham todos os fantasmas!

GOVERNADOR CIVIL - Acudam! acudam! acudam!

SR. MILHÕES - Não posso viver com isto, frenético e dourado, e regular a existência como o maquinismo dum relógio; não posso às mesmas horas - eu nisso sou como um pêndulo - fazer certa coisa imunda num buraco de secção elíptica, quando o mundo está cheio de gritos e o meu pensamento se eleva às mais altas elucubrações filosóficas. Pff! pff!... Não, não posso com este esplendor e esta abjecção, este ridículo e este desespero - e vamos morrer! vamos enfim morrer! (Vai carregar no botão).

GOVERNADOR CIVIL - Alto! alto! alto!

SR. MILHÕES - Sou a hora.

GOVERNADOR CIVIL - Morrer! Mo... Mas eu não estou doente! Nem a cabeça me dói... Então eu hei-de ser governador civil e morrer?! Então eu hei-de ter talento e morrer?!

SR. MILHÕES - É a hora de morrer.

GOVERNADOR CIVIL - O senhor é cruel. Não me dispute os últimos momentos.

SR. MILHÕES - O que eu sou é seu amigo. Tenho estado aqui a prepará-lo para a grande hora da libertação. Há mais alguma coisa que lhe possa fazer? Vai agora?

GOVERNADOR CIVIL - O senhor é pior do que um inquisidor. Não me tire os últimos segundos, os segundos dum condenado à morte. Aposto que está a gozar com a minha agonia. Em troca da vida dou-lhe tudo que quiser, a minha influência, o meu dinheiro, as minhas peças, a glória.

SR. MILHÕES - Recuso, sou intransigente nos meus princípios.

GOVERNADOR CIVIL - Espere. Dê-me um confessor. Um confessor não se recusa a quem está de oratório.

SR. MILHÕES - O senhor nunca foi católico.

GOVERNADOR CIVIL - É que nunca me vi nestes assados.

SR. MILHÕES - Tem de seu, previno-o, dez segundos.

GOVERNADOR CIVIL - E não haver um Vitor Hugo para fixar esta tormenta num crânio!

SR. MILHÕES - Tem de seu nove segundos e meio.

GOVERNADOR CIVIL - Acabe lá com isso! (Vendo-o aproximar o dedo do botão.) Não! não! acabe lá mas é com essa cega-rega do relógio.

SR. MILHÕES - Faltam apenas...

GOVERNADOR CIVIL, passando a mão pela testa com infinita tristeza.
Nestes últimos momentos de existência, sinto a mente a transbordar de génio. Quantas páginas imortais perdidas, por causa deste malandro!

SR. MILHÕES - Cinco segundos...

GOVERNADOR CIVIL - Já que me nega um confessor, ouça-me ao menos de confissão. Ouça os meus pecados. Confesso que menti... que menti sempre que pude. Toda a minha vida foi uma mentira pegada. Espere! Ó meu Deus! Espere! espere! Que é que eu vou sentir na situação de cadáver?

SR. MILHÕES - Um segundo.

GOVERNADOR CIVIL - Maldito sejas tu por toda a eternidade. Tenho medo! Espere! é um pecado morrer com desespero. Dê-me a barriga... Peça licença para ir lá fora fazer o que tenho a fazer.

SR. MILHÕES, implacável.

Faça no outro mundo.

GOVERNADOR CIVIL - Espere ao menos a minha contrição. Oh morrer!... Oh morrer nas mãos dum doido e estorçado ainda por cima! Morrer! morrer! Perdão! perdão! Pai Nosso que estais no céu...

SR. MILHÕES - É agora!

GOVERNADOR CIVIL - Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! aqui d'el-rei!

Os mesmos e DOIS ENFERMEIROS

Ouve-se barulho fora. O Sr. Milhões faz retenir a campainha. O governador civil cai na cadeira com gestos desordenados. Entram dois enfermeiros de casaco branco de resguardo.

GOVERNADOR CIVIL, esgazeado, apontando a caixa.
O peróxido! o peróxido!

UM ENFERMEIRO, destapando a caixa e tirando para fora algodão.
É algodão em rama...

Agarram o Sr. Milhões que os afasta, saindo depois de pôr e tirar o chapéu lustrado e de cumprimentar cerimoniosamente.

SR. MILHÕES - Tragam a caixa.

GOVERNADOR CIVIL, com os cabelos em pé.

Ai o grande filho da puta!



FOLHA DE PRESENCAS

Título do programa

miniatura - "O Doido e a morte"

Referência

N.º/R.P.L. 336
N.º S.P.P. _____

Episódio N.º

Data

da gravação.

3.de

Chad

de 1

194

5

100

Ad

da

how

www.bna

12/25

Abstract

da 1.ª emissã

0-4

2d

maio

de

193

45-

Pro

→ **gta**

112

Asil

157

L.P.

Director artistico

Francisca Alves

Fernando Rivas

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Assi de Carvalho</i> <i>Leonor Loupaufo</i> <i>Maria Albuquerque</i> <i>Maria Salzedas</i> <i>Incirio Salzedas</i>	<i>Des. Milhões</i> <i>Governador Civil</i> <i>Ala Baltazar (mosa)</i> <i>Mus. policia</i> <i>Impermeável</i>	<i>Leu de Carvalho</i> <i>1908-800 PA</i> <i>Imilpe</i> <i>Quiquese</i> <i>Imilpe</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 7 de maio de 1985